

SER MISSIONÁRIO... QUESTÃO DE VOCAÇÃO OU OBEDIÊNCIA?



"E disse-lhes [Jesus]: 'Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas.'" (Marcos 16.15 – Nova Versão Internacional)

Existem algumas expressões cotidianas que fazem parte do vocabulário eclesiástico da maioria das igrejas evangélicas e que possuem significados profundos. Mas por causa do uso frequente dessas expressões, algumas perderam o sentido semântico original e se tornam em simples jargões populares. Por exemplo, o adjetivo “amado”, isto é, “aquele que sofre os efeitos do amor de outrem”, não raramente é utilizado apenas como pronome de tratamento. Outro exemplo é o uso que as igrejas fazem do substantivo “irmão”. Em vez de designar “alguém com o qual nos consideramos unidos por sentimentos de fraternidade universal”, o termo muitas vezes denota aqueles com os quais se tem pouco contato relacional. O mesmo fenômeno ocorre quando se faz uso da palavra “missionário”.

Quando era novo na fé, o meu conceito de missionário era o de alguém envolvido em alguma atividade transcultural e evangelística, em países cuja prática da fé cristã é vedada ou restrita – como a Coreia do Norte e China. Posteriormente, aprendi que missionário também era a pessoa que, mesmo estando no país onde nasceu, percorria espaços geográficos pouco explorados, em busca de catequisar indivíduos com pouco ou nenhum acesso aos efeitos da colonização europeia, como os índios. Também me disseram que missionário é aquele que se apresenta como viajante peregrino, sempre em busca espaços onde possa propagar suas experiências evangelísticas. Ainda me falaram que missionário também pode ser alguém que atua como evangelista em comunidades locais carentes ou bairros pobres. Em comum, todo missionário é sustentado financeiramente. Em sua maior parte, por comunidades ou associações evangélicas – através de contribuições esporádicas ou periódicas. Além disso, é do senso comum a ideia de que só é missionário alguém que recebeu de Deus um chamado especial para expandir o Reino de Deus em locais pouco ou nada atrativos. Talvez todas essas especificações estejam certas. Mas elas não refletem o pleno significado do que é ser missionário.

Na Bíblia o termo “missão” (cf. Atos 12.25) tem origem na palavra grega διακονία (*diakonía*) e se refere ao “serviço, ministério daqueles que por ordenança divina, proclamam e promovem o Evangelho do Senhor Jesus Cristo entre os homens”. É do que trata o versículo bíblico citado inicialmente. Neste aspecto, **todo cristão é, por natureza, um missionário**. Por volta do final do século 19, o pastor batista Charles Haddon Spurgeon (1834-1892) costumava dizer, por meio de palavras duras, que “*todo cristão ou é um missionário ou é um impostor*”. Talvez Spurgeon tivesse razão. Ser missionário, não é apenas questão de vocação. Ser missionário é, acima de tudo, um ato de obediência... de todos aqueles que se intitulam discípulos do Senhor Jesus Cristo. **Todo cristão tem pelo menos uma missão a desempenhar neste mundo: ser a representação mística do Senhor Jesus Cristo na vida uns dos outros. Mas sempre tomando cuidado para não cair no erro de transformar a assistência em assistencialismo. O ato de oferecermos apenas água comum às pessoas, mesmo que seja fresca e em abundância, não suprirão a sede e a desidratação espiritual do ser humano (cf. João 4.13-14).**

Na passagem bíblica, o verbo “ir” do grego πορευθέντες (*poreuthéntes*) significa “persistir na jornada iniciada”. É diferente de iniciar o percurso a partir da inércia, da ociosidade, da estagnação. **O verdadeiro cristão está, desde o início de sua conversão, em constante movimento missionário**. Mas a ida missionária efetiva só será possível depois que ele atingir o padrão de conduta estabelecido pelo próprio Senhor Jesus ao longo do Seu ministério – através dos ensinamentos e do exemplo de praticidade de vida que Ele apresentou. As palavras do Senhor Jesus registradas por Marcos, não foram direcionadas a um grupo de homens desconhecidos e inabilitados. Antes de serem enviados como missionários, os discípulos foram chamados e treinados – “*E disse Jesus: ‘Sigam-me, e eu vos farei pescadores de homens’*” (Marcos 1.17). Ou seja, antes de “ir” é preciso “vir”.

Para ensinarmos alguém a caminhar no Evangelho, é necessário que nós, primeiramente, estejamos presentes no caminho do Evangelho a ser ensinado, uma vez que a trajetória não será feita tão somente pela “**indicação do caminho**”, mas principalmente pela “**condução no caminho**”. Em linhas gerais, nos acostumamos a “fazer evangelização” sem antes pensarmos em quem devemos ser como evangelistas. O resultado é uma evangelização distorcida e deformada.

Como poderemos ir e falar de Cristo para outras nações, ou até mesmo para os nossos amigos e familiares, se o nosso comportamento no dia a dia contradiz com a nossa proclamada “nacionalidade” cristã? Foi com razão que o filósofo e pensador indiano Mahatma Gandhi (1869–1948) declarou: “*Não conheço ninguém que tenha feito mais para a humanidade do que Jesus. De fato, não há nada de errado no cristianismo. O problema são vocês, cristãos. Vocês nem começaram a viver segundo os seus próprios ensinamentos. Com certeza eu seria cristão, se os que assim dizem ser, agissem como se fossem. Eu creio no Cristo do cristianismo, mas não creio no cristianismo dos cristãos*”. **As pessoas crerão no Cristo que a gente prega, quando virem o Cristo que a gente prega, na forma como a**

gente vive e não na maneira como a gente discursa. O apóstolo Paulo, em um dos seus muitos ensinamentos, afirmou que nós somos carta aberta, conhecida e lida por todos (cf. 2Coríntios 3.2). Carta não fala. Ela é lida e interpretada a partir do conteúdo que nela há. Em outro momento, Paulo também afirma que nós somos o bom perfume de Cristo (cf. 2Coríntios 2.15). Semelhantemente a carta, perfume não fala. Ele é sentido, percebido, a partir da fragrância que exala do seu interior. Sendo assim, como podemos estar aptos para agir como legítimos missionários de Cristo?

A solução para essa problemática está em considerarmos para nós, as seguintes palavras de Cristo: *“Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”* (Marcos 8.34). O ensinamento do Senhor Jesus é direto e objetivo. Para **“ir”**, é preciso primeiro **“vir”**. Mas para **“vir”**, é fundamental **“negar-se a si mesmo”**, **“tomar diariamente a cruz”** e **“seguir”** a Cristo. Os discípulos do Senhor Jesus só foram autorizados a **“ir”** depois de cumpridos todos os antecedentes necessários, sem os quais não haveria o envio.

Negar a si mesmo é trocar tudo o que somos por tudo o que Cristo é. No texto o verbo **“negar”**, do grego ἀρνῆσάσθω (*arnesástḥō*), tem o sentido de *“esquecer-se de si mesmo”*, *“desconsiderar os seus próprios interesses”*. É a exemplo do que disse o apóstolo Paulo, declarar: *“Não sou mais eu quem vive, mas é Cristo quem vive em mim. E essa vida que vivo agora no corpo, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”* (Gálatas 2.20).

Tomar diariamente a cruz é cultivar uma vida de arrependimento contínuo. O arrependimento, ao contrário do que muitos pensam, não é algo pontual na vida do cristão, mas ato contínuo (cf. Marcos 1.15). A evidência da genuína conversão é a contínua obra de Deus na alma do homem. Se uma pessoa afirma ter aceitado a Jesus como Senhor e Salvador, mas a vida dela não muda, não cresce, não *“frutifica em toda boa obra, crescendo no conhecimento de Deus”* (cf. Colossenses 1.10), o que houve com essa pessoa não foi conversão genuína. É errado pensarmos que Senhor Jesus nos **aceita** como estamos. Na realidade, Ele nos **recebe** como estamos e nos **transforma**.

A evidência de que nós realmente nos arrependemos e cremos para a salvação é que nós continuaremos nos arrependendo e crendo, e o Senhor Jesus se tornará precioso para nós, e nós começaremos a andar e crescer. Esse processo não é linear. Por vezes, haverá momentos em que cairemos, mas que devemos continuar crendo em Deus. Haverá lutas e, às vezes iremos falhar, mas ao longo de nossa vida começaremos a crescer em santidade e sinceridade diante de Deus (cf. 2Coríntios 1.12), de fé em fé (cf. Romanos 1.17), de glória em glória (cf. 2Coríntios 3.18).

Seguir a Jesus é concretizar a fé que professamos através de atitudes práticas. Como ensinou o teólogo e pastor luterano Dietrich Bonhoeffer (1906–1945), *“a resposta do discípulo não é uma confissão oral de fé em Jesus, mas sim um ato de obediência”*. Para que esse conceito se torne mais claro, observe a narrativa bíblica a seguir:

“Passando por ali, [Jesus] viu Levi, filho de Alfeu, sentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me. Levi levantando-se e o seguiu.” (Marcos 2.14)

A passagem bíblica acima não diz que Levi se levantou e creu no Senhor Jesus, mas que ele se levantou e O seguiu. É necessário seguirmos a Jesus e não apenas possuí-Lo como Pastor: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem” (João 10.27). Nossa confiança depositada em Jesus e nossa fé intrínseca nEle só se constroem através de experiências e vivências diárias com nosso Senhor e Salvador.


Certa vez o Senhor Jesus afirmou que no serviço de expansão do Reino de Deus “a colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos” (cf. Lucas 10.2). A razão para a escassez de trabalhadores pode estar no fato de que muitos se iludem ou não querem se submeter ao cumprimento dos requisitos necessários para o envio missionário – em todos os seus aspectos. A maioria prefere o caminho do conforto ao da renúncia, da “adesão” em vez da “conversão”.

Outro problema enfrentado por aqueles que decidem abraçar o chamado missionário é ignorar o caminho linear da pregação do Evangelho. Observe as últimas palavras do Senhor aos seus apóstolos recém-comissionados: “Mas recebereis poder quando o Espírito Santo descer sobre vós; e sereis minhas testemunhas, tanto em **Jerusalém** como em toda a **Judeia** e **Samaria**, e até os **confins da terra**” (Atos 1.8). Repara que há uma ordem geográfica no envio dos apóstolos. Primeiros eles deveriam pregar em **Jerusalém [sua própria casa, sua família]**. Em seguida deveriam ir para a **Judeia [seus parentes, seus amigos]**. Posteriormente iriam para a **Samaria [seus vizinhos, seu bairro]** e só depois deveriam alcançar os **confins da terra [outras cidades, estados e países]**. Muitos querem alcançar com **bravura** os confins da terra, mas se esquecem de olhar com **ternura** para a sua própria Jerusalém.

Podemos concluir essa reflexão parafraseando as palavras do apóstolo Paulo, em sua carta dirigida aos romanos. Elas representam a síntese de tudo o que vimos até o momento e devem fazer parte da nossa declaração de fé e vocação missionária: “Paulo, servo de Cristo Jesus **[negar-se a si mesmo]**, chamado para ser apóstolo (missionário) **[vir]**, separado para o evangelho de Deus **[ir]**” (Romanos 1.1a).

Para “**ir**”, é preciso primeiro “**vir**”. Mas para “**vir**”, é fundamental “**negar-se a si mesmo**”, “**tomar diariamente a cruz**” e “**seguir**” a Cristo. Foi o que o apóstolo Paulo fez. É o que todos nós também devemos fazer.

Soli Deo Gloria.

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 18/09/2016, na Igreja Batista em Jardim Santa Terezinha - São Paulo/SP.